



*REP's - Revista Even. Pedagog.*

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 387-400, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

## RELATOS DE REFÚGIO:

### uma análise da narrativa tipicamente laboviana

## REFUGEE REPORTS:

### a typically labovian narrative analysis

**Carlos Gustavo Camillo Pereira**

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as experiências de migração de refugiados que deixaram os seus países. Mais especificamente, investiga-se em que momento de suas histórias é construído o momento de sua tomada de decisão em arriscar-se e imigrar. Como fundamento teórico-metodológico, este trabalho se debruça nas abordagens sociointeracional da análise de narrativas propostas por William Labov, nos pressupostos de metáforas teatrais de Erving Goffman e na análise do discurso em uma abordagem crítica e socioconstrucionista de Norman Fairclough, Luiz Paulo da Moita Lopes, Jan Blommaert.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Sociolinguística Interacional. Refúgio. Identidade. Análise da Narrativa. Metáforas Goffmaniana.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the migration experiences of refugees who have left their countries. More specifically, it investigates at what point in their stories the moment of their decision to take risks and immigrate is built. As a theoretical-methodological foundation, this work focuses on the socio-international approach to the analysis of narratives proposed by William Labov, on the assumptions of

Goffman's theatrical metaphors and on the analysis of discourse in a critical and socioconstructionist approach.

**Keywords:** Discourse analysis. Interactional Sociolinguistics. Refuge. Identity. Narrative Analysis. Goffmanian metaphors.

Correspondência:

**Carlos Gustavo Camillo Pereira.** Doutorando e Mestre em Estudos da Linguagem (PUC-Rio). Faz parte do grupo “Linguagem Cultura e Trabalho (PUC-Rio/CNPq) e Integrante dos Projetos de Pesquisa “Práticas discursivas e identitárias em situações de fronteira, deslocamentos e entrelugares” e “Autoetnografia em estudos da linguagem: relações e reflexões com concepções de alinhamento, posicionamento e avaliação”. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [gustavo.c.p@live.com](mailto:gustavo.c.p@live.com)

Recebido em: 10 de julho de 2020.

Aprovado em: 5 de agosto de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4056/2800>

## 1 INTRODUÇÃO

Certamente, em se tratando de sociolinguística, a perspectiva vigente e hegemônica ainda é a variacionista, porém com a difusão dos preceitos da sociolinguística sociointeracional, o foco das pesquisas tem sido posto na análise das interações face a face a fim de compreender variados temas, tais como identidades, protagonismos, emoções, agentividade, entre outros. Assim, mesmo que ainda haja muitos estudos e pesquisas que se prestem a investigar as variações em diversos níveis no português, as histórias de vidas, que emergem em narrativas, tornaram-se, ao lado das entrevistas, as principais fontes de dados da sociolinguística em perspectiva interacional.

As narrativas também têm alcançado lugar de destaque nas mais variadas ciências sociais e se constituiu como uma sólida abordagem de geração e análise de dados. Embora haja difundida aceitação na comunidade acadêmica, existem críticas sobre a sua validade, principalmente quando as narrativas são realizadas a partir de entrevistas, por exemplo. A crítica predominante é feita por adeptos da análise da conversa etnometodológica, também conhecida como estudos de fala-em-interação e esta consiste na crença de que apenas observando uma dada interação social é

que é possível compreendê-la, assim, acredita-se que as entrevistas não dão conta de representar a realidade social.

De qualquer maneira, é inegável as contribuições teóricas e, sobretudo, sociais advindas da utilização de narrativas para a compreensão da vida e das interações sociais. Neste trabalho, pretende-se analisar as narrativas de travessia de dois refugiados que agora residem no Brasil. As perguntas de pesquisa que subjazem neste trabalho são: (a) Como é construída, durante a narrativa, a decisão de imigrar? (b) Como são as representações de si mesmos durante a narrativa?

Em relação a estrutura deste trabalho, ele se constitui da seguinte maneira: inicialmente são apresentados os fundamentos teóricos, que explicam a concepção de narrativa que está sendo adotada e também a compreensão de discurso que é aqui desenvolvida; posteriormente são apresentados os procedimentos metodológicos empreendidos, assim é exposto como se deu a geração das narrativas e os princípios de análise; subseqüentemente, tem-se a análise das narrativas dos refugiados e, por fim, são feitas as considerações finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO**

Esta seção é dividida em duas grandes seções. Na primeira, serão apresentados os alicerces teóricos em que esta pesquisa se sustenta. Inicialmente expõem-se as concepções de narrativas e identidades que subjazem neste trabalho. Posteriormente discute-se a polissemia da conceituação de 'discurso' e procede-se para a fundamentação de discurso em uma perspectiva crítica e socioconstruída. Na última parte, apresentam-se os princípios metodológicos empregados neste trabalho. De modo geral, nesta seção, é explicado e contextualizado como são os dados que compõem este trabalho, posteriormente se estabelece como ocorreu o processo de geração de dados e por fim são elencados os procedimentos adotados para as análises narrativas.

### **2.1 Referencial Teórico**

#### **2.1.1 Narrativas e identidade**

O interesse por questões identitárias é frequentemente abordado em literaturas Antropológicas, psicológicas e, até mesmo, sociológicas. No entanto, há recentes contribuições proporcionadas pela Linguística Aplicada no sentido de estabelecer uma outra abordagem para os estudos desta temática, visto que há esforço para alinhar os estudos de identidade com as análises de narrativas. De acordo com Moita Lopes (2001, p. 63) “[...] as narrativas desempenham [funções] nas construções de identidades sociais, nas práticas narrativas onde as pessoas relatam a vida social e, em tal engajamento discursivo, se constroem e constroem os outros.”

De acordo com Linde (1997), são nas histórias de vida que é possível orientar as identidades pessoais, visto que, ao contar e recontar histórias, os narradores constroem e reconstróem o mundo a sua volta. Neste sentido, Labov (1997) afirma que a narrativa não é meramente o ato de falar sobre uma situação que aconteceu anteriormente, antes, trata-se de performar, emocionar e reviver experiências de vida. Além disso, “[...] contando histórias, os indivíduos organizam suas experiências de vida e constroem sentidos sobre si mesmos; analisando histórias, podemos alcançar e aprofundar inteligibilidades sobre o que acontece na vida social”. (BASTOS; BIAR, 2015, p. 98).

Adicionalmente, Gubrium e Holstein (2003) acrescentam que “[...] na vida cotidiana, estamos constantemente envolvidos em práticas sociais de construção de significados e de (re)construção de nossas identidades”. Nóbrega; Magalhães (2012, p. 72) explicam que é “[...] nada mais natural do que compreender a narrativa como forma de (re)construção constante de identidades sociais.” Desta forma, as identidades não se limitam a questões apenas relacionadas à nascença, visto que devem ser compreendidas como construções que são permanentemente construídas e reconstruídas de forma flexível e não-essencialista, conforme estabelece Velho (1994). Em consonância, Moita Lopes (2002, p. 16) explica que as identidades sociais não são únicas e são constituídas por diversas características do indivíduo envolvendo “[...] a classe social, o gênero, a sexualidade, a raça, a nacionalidade, a idade etc. Todas coexistindo ao mesmo tempo, na mesma pessoa.”

No que se refere às construções identitárias de imigrantes, Pereira; Santos (2009, p. 138) explicam que as narrativas atuam como um “[...] lugar especial para a emergência e expressão de construções identitárias na relação com o outro em

contextos discursivos locais, com relações de ordem macro no discurso”, além de que as narrativas também atuam como ressignificações identitárias de imigrantes (PEREIRA, 2013).

### 2.1.2 Discurso em perspectiva crítica e socioconstrucionista

A ideia de que o termo ‘discurso’ se trata de um conceito guarda-chuva é amplamente difundida no campo dos estudos da linguagem. Por este motivo, a noção que fundamenta este trabalho baseia-se nas propostas de Fairclough (1989; 2001; 2003) ao entender o discurso como uma ação, uma maneira de agir na sociedade.

Dessa forma, os discursos vão além da mera construção textual e agem como elementos de mudança social (FAIRCLOUGH, 2001), além de também atuar de maneira a construir a(s) identidade(s) dos indivíduos em sociedade, conforme estabelece Parker (1989). Esta proposição também é partilhada por Fairclough (2003, p. 3) ao definir o discurso “[...] como parte irredutível da vida social, dialeticamente interconectada a outros elementos da vida social”.

Foucault (2012 [1970]) afirma que os discursos detêm, de maneira inata, a capacidade de instituir hegemonias e a forma como os indivíduos se portam diante de diversos assuntos, uma vez que eles possuem suas produções controladas por instituições de poder. Assim, o que é proposto como verdade, usual e hegemônico não seria resultado de reflexão livre e espontânea dos participantes da sociedade, seria; porém, fruto imposição velada dos detentores da capacidade de estabelecer os padrões que devem ser seguidos. Desta forma, o discurso passa a ser um instrumento de desejo “[...] o discurso, longe de ser [...] elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma, a política se pacifica [...] [é, antes,] um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes” (FOUCAULT, 2012 [1970], p. 9).

Consonante ao pensamento de Foucault, Cameron (2001) explica que aqueles que dominam o poder de nomear coisas, entidades, pessoas, entre outros, possuem também o poder de fazer o que quiser com eles, uma vez que todo discurso é uma forma potencial de dominação (CAMERON, 2006).

A partir destas proposições, é possível entender o porquê de, por exemplo, de acordo com Butler (2011), os corpos negros e pobres possuírem menos valor na sociedade do que corpos brancos de características europeias, uma vez que assim foi estabelecido por meio das instituições detentoras de poder. Adicionalmente, o mesmo princípio pode ser aplicado aos corpos de pessoas em situação de vulnerabilidade, que, no escopo deste trabalho, seriam os refugiados, visto que este grupo até mesmo já nomeado como “a escória do mundo”<sup>1</sup> pelo atual Presidente da República, o que por si só pode servir como um indicador para compreender a atual falta de políticas públicas que atendam adequadamente a questão do refúgio no Brasil.

Moita Lopes (2003), partindo da concepção de que os discursos são forma de atuação e que são elementos que constituem as identidades, observa, baseado em Gee (1990; 2001) que o Discurso, com D maiúsculo, refere-se aos modos de ser dos indivíduos (GEE, 2001, p. 110). Logo, as identidades sociais, os entendimentos, suas ações e suas perspectivas são formadas a partir dos Discursos que são por eles adotados, que podem ser o “Discurso da medicina”, o “o Discurso do direito”, o “Discurso da política”, o “Discurso da repressão” e assim por diante, todos circulando rapidamente na sociedade (BLOMMAERT, 2005; FABRÍCIO, 2012).

## **2.2 Referencial Metodológico**

Os dados gerados para esta pesquisa se tratam de narrativas. É importante destacar que a concepção de narrativa adotada neste trabalho se desenvolveu a partir de uma abordagem laboviana (LABOV, 1972). Em outras palavras, para que uma história seja considerada uma narrativa, não basta que ela tenha acontecido no passado. Assim, é necessário que ela se refira a uma situação fora comum, ou seja, ela precisa ser reportável, nos termos de Bastos (2005, p. 80).

Duas narrativas compõem o escopo deste trabalho. Ambas são de refugiados residentes no Brasil e se referem à ocasião em que decidiram que era o momento de deixarem seus países e imigrar. A primeira narrativa é de um homem chamado

---

<sup>1</sup> AZEVEDO. Rita. Setembro de 2015: Bolsonaro chama refugiados de “escória do mundo”. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

Leonardo<sup>2</sup>. Ele é um refugiado vindo da Venezuela, que agora reside no estado de São Paulo e atua como como recepcionista em um hotel localizado na capital paulista. A segunda narrativa é de uma mulher cujo nome é Sylvie<sup>3</sup> e seu país de origem é a República do Congo. É importante destacar que ela possui 4 filhos e, embora Sylvie seja formada em Direito, ela atualmente atua como auxiliar de cozinha e reside no Brasil desde 2013.

Em se tratando especificamente da geração de dados, ela ocorreu por meio do uso de ferramentas e abordagens netnográficas (HINE, 2000; 2005). As narrativas foram consultadas a partir do *site* de compartilhamento de vídeos chamado “YouTube”<sup>4</sup>. Os canais que disponibilizaram as narrativas são verificados pela referida plataforma de vídeos e são responsáveis por divulgar notícias confiáveis em formato de vídeo no idioma Português Brasileiro.

É importante enfatizar que este trabalho se desenvolve na perspectiva da nova pesquisa qualitativa (DENZIN, LINCOLN, 2006). Ou seja, a construção do objeto de análise da pesquisa não se dá pelo mero aglomerado de muitos temas e assuntos, mas é necessário “relacionar a pesquisa qualitativa às esperanças, às necessidades, aos objetivos e às promessas de uma sociedade democrática livre” (p. 17). Neste sentido, fazer pesquisa, em qualquer área dos saberes científicos, torna-se uma forma eficaz de criticar e transgredir as formas de dominações e as relações de poderes assimétricas, conforme estabelece Marcos Bagno (2004, p. 10):

Venho me empenhando [...] [no] compromisso político de converter a sociolinguística num instrumento de luta contra toda forma de discriminação e de exclusão social pela linguagem. Por que não basta descrever e analisar as relações entre língua e sociedade – é preciso, também, transformá-las.

Em adição, as análises das narrativas são realizadas observando o modelo proposto por Labov (1997). Assim, são utilizadas como categorias de análises: o Resumo, a Orientação, a Ação Complicadora, a Avaliação, o Resultado e a Coda. No entanto, como Labov (1972) bem observa, uma narrativa, embora bem estruturada, pode não possuir todos estes elementos, sendo obrigatória apenas a ação complicadora e, em termos estruturais, apenas duas orações independentes

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sgJYkT5hd2s>. Acesso em: 06 jun. 2020.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4YKaLMQr6kw>. Acesso em: 06 jun. 2020.

relacionadas temporalmente. A fim de tornar as análises das narrativas mais compreensivas, optou-se por colocar, entre colchetes, as categorias ao lado de cada oração narrativa. As categorias são: **[Resumo]**, **[Orientação]**, **[Ação complicadora]**, **[Avaliação]**, **[Resultado]** e **[Coda]**. É importante destacar que uma oração narrativa pode possuir categorias diferentes, nesta situação serão atribuídas duas categorias a esta oração.

Evidentemente não é suficiente para os objetivos deste trabalho apenas reconhecer a estrutura das narrativas, por este motivo também fundamentou-se este trabalho nas concepções de rituais e de representação propostos por Goffman (1975) durante as análises das narrativas que se dispõem a presente pesquisa.

### 3 ANÁLISE DE DADOS

Esta seção tem por objetivo analisar duas narrativas a fim de compreender como se dão as construções de si mesmos neste processo de imigração. Além disso, também são analisadas as avaliações que são performadas pelos narradores ao contar suas histórias de vida.

#### 3.1 A experiência de Leonardo

01	As coisas começaram primeiro a encarecer::, a qualidade de vida foi diminuin:do, decaín:do↓ <b>[Orientação]</b>
02	Eh:: (3.0). No final já não dava nem para... (1.0) para comer direito <b>[Avaliação]</b>
03	Diante da situação difícil, resolvi: muDAR de vida <b>[Ação Complicadora]</b>
04	Eu tinha muita esperança QUANDO eu atravessei a fronteira <b>[Resumo]</b> / <b>[Ação complicadora]</b>
05	Eu lembro que senti só ↑FELICIDADE... felicidade por duas coisas... ↓por estar me livrando daquela situação ↑TERRÍVEL e felicidade porque eu... (1.0) pensava nas oportunidades que eu tinha pela frente <b>[Avaliação]</b> / <b>[Resultado]</b>

Leonardo se mostra como um narrador habilidoso, uma vez que, em seu breve relato de migração, desenvolve sua experiência de travessia e a construção



de si mesmo. Dessa forma, em relação às suas motivações para sair de sua terra natal, a Venezuela, é revelado que se deu de maneira gradativa, visto que os preços das mercadorias aumentavam de forma contínua, ao passo que, como consequência, sua qualidade de vida diminuía.

É interessante notar que, a princípio, ele se apresenta como um simples paciente da degradação de seu país, visto que essa situação está fora de seu controle. Além disso, sua própria avaliação reforça a realidade difícil a que estava submetido, de maneira que até mesmo o acesso à alimentação, insumo básico e vital para seu sustento, tornou-se quase nulo.

Embora Leonardo tenha se construído, até este momento, como subjugado por forças que lhe escapam do controle, ele redireciona sua narrativa e se apresenta sob uma nova luz (GOFFMAN, 1975) ao se caracterizar como o responsável pela transformação de sua realidade ao afirmar “resolvi mudar de vida”. Assim, agora ele assume o protagonismo e se constrói como um típico refugiado que luta para sobreviver e assume os riscos de ir para uma terra distante, enfrentando perigos na travessia, além de lidar com possíveis adversidades pelo idioma estrangeiro e pelas diferenças culturais, assemelhando-se ao espírito desbravador do imigrante português (OLIVEIRA; BASTOS, 2002).

Posteriormente, em sua narrativa, ele põe em cena a face do refugiado como sonhador (PEREIRA, 2013) uma vez que, além de ter se “livrado daquela situação terrível”, seu foco agora é direcionado para as oportunidades vindouras, o que reforça o discurso do refugiado e do imigrante como um indivíduo que procura por melhores condições de vida. Além disso, é possível que se tenha como pano de fundo a noção do Brasil como um país do futuro (SWEIG, 2017 [1924]) e a ideia do brasileiro como um povo solidário.<sup>5</sup>

### 3.2 A experiência de Sylvie

<b>01</b>	É:: foi a noite. Tava dormindo... <b>[Orientação]</b>
<b>02</b>	eles chegou na minha casa procurando meu esposo, mas meu esposo não tava

<sup>5</sup> Fantástico: O Brasil tem o povo mais solidário, aponta pesquisa. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6974264/>. Acesso em: 12 jun. 2020

	<b>[Ação complicadora]</b>
<b>03</b>	É::: (1.0) ficaram ↑batendo em todo mundo... <b>[Ação complicadora]</b>
<b>04</b>	bateram nos meus filhos↓ (1.5) só pra poder intimidar. Para poder falar onde estava meu esposo (2.0) <b>[Ação complicadora]</b>
<b>05</b>	E não acharam ele... (1.0) levaram tudo (2.0) <b>[Ação complicadora]</b>
<b>06</b>	E assim que eu falei: “não, não vou ficar mais” <b>[Resultado]</b>
<b>07</b>	QUANDO eu decidi de sair (1.5)... é..(1.5) eu senti: como que tava sozinha no mundo <b>[Avaliação]</b>
<b>08</b>	Quando você fica sozinho no mundo (1.5) você luta cada di::a pra conseguir: (1.0) o dia seguinte <b>[Avaliação]</b>
<b>09</b>	Esse sentimento que senti quando sai... <b>[Coda]</b>

A experiência que levou Sylvie a sair de seu país se deu a partir de um episódio de violência, uma vez que determinado grupo, não denominado pela narradora, ao procurar por seu marido, invade sua casa, destrói seus pertences e agride seus filhos com a finalidade de “intimidar” e “para poder falar onde estava” seu esposo.

É interessante notar que não há referências as agressões que ela provavelmente tenha sofrido, assim sua motivação principal para a mudança de país se deu a partir da expectativa de seu papel como mãe em proteger seus filhos. Neste contexto interacional, ela assume a identidade de “mãe protetora” nos termos de Almeida (2007).

Após a ação complicadora que resultou em sua decisão de mudar de país, Sylvie apresenta a situação de solidão enfrentada durante o processo migratório, o que coincide com a concepção de que o ato de imigrar é uma atitude solitária e, geralmente, desassistida de recursos básicos<sup>6</sup>. Dessa maneira, na contramão da realidade de um mundo globalizado e altamente interligado (MOITA LOPES, 2006), Sylvie é tomada por um sentimento de que realmente estava “sozinha no mundo”.

Mais adiante, Sylvie estabelece que sair do país não é o suficiente, pois mesmo depois de realizar a migração, ela narra que existe uma forma de luta diária

<sup>6</sup> Para mais informações: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49566807>.  
<https://veja.abril.com.br/mundo/milhares-de-criancas-atravesam-a-europa-sozinhas-com-onda-de-refugiados/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

em que é necessário lutar “cada dia para conseguir o dia seguinte”. Neste sentido, ela se constrói identitariamente como uma lutadora e não se enquadra nas características de passividade e assujeitamento.

Por fim, ela encerra a sua história de com uma coda “esse sentimento que senti quando sai” que retoma ao ponto da narrativa que se trata justamente da sua decisão de realizar a travessia. Em adição, ela também reforça o sentimento de solidão enfrentada em sua experiência e abre o turno para a participação de seu interlocutor (LABOV, 1972; JEFFERSON, 1978).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Narrar e contar história são empreendimentos naturais na vida humana. Além disso, por meio das narrativas, constroem-se realidades e, até mesmo, é possível transformá-las. Neste sentido, a narração se torna um instrumento de se representar na sociedade. Por este motivo, intencionou-se, neste trabalho, analisar as narrativas de experiência de imigração em contextos de refúgio.

Por partir do pressuposto de que não existe apenas uma verdade única, este trabalho não toma as narrativas aqui contidas como representação exata da realidade, pois tal empreendimento seria, muito provavelmente, fadado ao essencialismo ou a uma visão muito reducionista no que se refere à dinamicidade das relações sociais. Teve-se por objetivo justamente tentar compreender como se dão as representações dos refugiados de si mesmos durante as narrativas.

Durante esta pesquisa, foi possível analisar que, em um primeiro momento, os narradores se apresentam em uma perspectiva passiva. Mais especificamente, eles apenas sofrem os efeitos de ações que fogem ao seu controle, como a guerra, a escassez de alimento, a baixa qualidade de vida, o aumento da inflação e a conseqüente perda de valor da moeda.

É interessante observar que após algum episódio de risco de vida iminente, que na primeira narrativa foi a completa falta de alimento, e a invasão da propriedade realizada por agressores; na segunda, é que havia a decisão de mudar de país em busca de uma vida melhor e, juntamente com essa decisão, havia a mudança de sua própria performance durante a narrativa. Assim, o protagonismo

passou a ser assumido em forma de agência e todos os acontecimentos subsequentes foram gerado a partir de suas próprias escolhas.

A partir da análise dos dados deste trabalho é possível entender que essa configuração é um dos modelos canônicos de narrativas de imigração em contextos de refúgio. No entanto, seria interessante analisar mais narrativas de refugiados a fim de investigar outros tipos de protagonismos e agências, que são performados a partir das escolhas de imigrar para outro país.

Por fim, a partir da análise dessas narrativas é possível desenvolver maior inteligibilidade sobre o fato social da busca pelo refúgio, dos posicionamentos em contextos de violência e de escassez. Assim, as narrativas se apresentam como importante dispositivo a ser explorado nos mais variados contextos, quer sejam institucionalizados ou não.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. Mãe cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades das mães que trabalham. **Revista do departamento de psicologia – UFF**, v. 19, n. 2, p. 411-422, jul/dez. 2007.

BAGNO, M. Por uma sociolinguística militante. *In*: BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004. p. 7-10.

BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópico**, v. 3, n. 2, maio/ago. 2005.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. de A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **Delta**, n. 31, especial, p. 97-126, 2015.

BLOMMAERT, J. **Discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: On the Discursive Limits of "Sex"**. New York: Routledge, [1993] 2011.

CAMERON, D. Ideology and Language. **Journal of Political Ideologies**, v. 11, n. 2., p. 141-152, jun. 2006,

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FABRÍCIO, B. F. Trajectories of socialization in school transcontexts: discourse journey on gender and sexuality. **Working Papers on Urban Languages and Literacies**, King's College, n. 94, p.1-24, 2012.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GEE, J. P. **Social linguistics and literacies**. Ideology in discourses. Bristol: The Falmer Press, 1990.

GEE, J. P. Identity as an analytic lens for research in education. **Review of research in Education**, v. 25, p. 99-125, 2001.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975 [1959].

GUBRIUM, J. F. HOLSTEIN, J. (org.). **Postmodern Interviewing**. London, SAGE, 2003.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

HINE, C. **Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge**. Oxford: Berg, 2005.

JEFFERSON, G. Sequential aspects of story telling in conversation. *In*: SCHENKIN, J. N. (org). **Studies in the organization of conversational interaction**. New York: Academic Press, 1978.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. *In*: LABOV, William. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. Some further steps in narrative analysis. **Journal of Narrative and Life History**. 7 (1-4), p. 395-413, 1997.

LINDE, C. Narrative: Experience, Memory, Folklore. **Journal of Narrative and Life History**, New Jersey, v. 7 (1-4), p. 281-289, 1997.

LOPES, L. P. da M. Práticas narrativas como espaço de construção de identidades sociais: uma abordagem socioconstucionista. *In*: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C.C.;

DANTAS, M. T. L. (org.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001, p. 55-71.

LOPES, L. P. da M. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero, e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LOPES, L. P. da M. **Discursos de identidade**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

LOPES, L. P. da M. (org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NOBREGA, Adriana; MAGALHÃES, C. E. A. de. Narrativa e identidade: contribuições da avaliação no processo de (re)construção identitária em sala de aula universitária. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 68-84, 2012.

OLIVEIRA, Maria do Carmo; BASTOS, Líliliana Cabral. A experiência da imigração e a construção situada das identidades. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p.31-48, 2002.

PARKER, I. Discourse and power. *In*: SHOTTER, J.; GERGEN, K., J. (Eds.). **Texts of identity**. Londres: Sage, 1989.

PEREIRA, M. das G. D; SANTOS, F. M. Narrativas de deslocamento e evidencialidade: construções de entre-lugar de um emigrante mineiro de retorno dos estados unidos. *In*: PEREIRA, M. das G. D; BASTOS, C. R. P; PEREIRA, T. C. **Discursos socioculturais em interação**: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PEREIRA, M. das G. D. Experiências de migração: construções identitárias e ressignificação de 'sonhos' em narrativas de um porteiro nordestino no Rio de Janeiro. *In*: BASTOS, L. C; SANTOS, W. S. dos. (org.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**: perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, cd, 2013, p. 159-198.

VELHO, G. **Projecto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

SWEIG, S. **Brasilien - Ein Land Der Zukunft**. Califórnia: Createspace Independent Publishing Platform, [1924] 2017.